

A Sicília e o enfrentamento do mundo

Anamaria Vieira Magalhães*

Resumo

Leitura da ficção de Leonardo Sciascia levando em conta o espaço geográfico e cultural da Sicília.

Palavras-chave: Sciascia, Sicília, Literatura Italiana.

A

Sicília é uma ilha que pertence ao território italiano e situa-se no sul do país. Essa pequena parte da Itália é não só o ponto de partida, mas também objeto de estudo de vários intelectuais, dentro do horizonte cultural italiano.

Sabemos que esse pequeno território mantém um conjunto de tradições que foram incorporadas pouco a pouco à cultura italiana. A importância dessas tradições deve-se ao fato de que grande parte da base

* Professora do Departamento de Letras Neolatinas da Faculdade de Letras UFRJ.

da sociedade na Itália está contida nelas. É óbvio que, hoje em dia, muita coisa se modificou, acompanhando o ritmo acelerado do desenvolvimento do nosso tempo, contudo existem certos elementos originais que permanecem sempre arraigados naquele povo e, seria um contra-senso ignorá-los. Essas práticas e crenças que formam um conjunto socialmente herdado, muitas vezes determinam a trama da vida de um povo e podemos denominá-lo *cultura*. Um dos escritores sicilianos que mais se preocupou em retratar a ilha foi Leonardo Sciascia, nascido em 1921, num pequeno lugarejo da Sicília chamado Racalmuto, que segundo a etimologia árabe significa “lugar morto”. Sciascia (Xaxa), seu nome de família é uma designação de origem árabe e significa “aba do chapéu”. Quando o escritor escreve sobre o homem siciliano, obviamente, pincela toda sua literatura com crenças e tradições desse mesmo homem, contribuindo, assim, para o enriquecimento do seu texto. O siciliano é sabedor de que traz consigo esse leque de tradições, que irá contribuir tanto para o estabelecimento da identidade nacional, quanto irá, também ressaltar as diferenças em relação ao habitante do continente. Entre tantas influências que sofreu, o siciliano tem consciência da grande importância que a presença da cultura árabe tem no seu cotidiano.

Atualmente, as condições da Sicília são bem diferentes da devastação do pós-guerra. Porém, a agricultura não tem mais a importância de tempos atrás, as enxofreiras estão fora de uso e as minas de sal-gema esporadicamente ativas. Os chamados centros industriais, que se reduzem a Augusta e Gela, não empregam mais do que alguns milhares de pessoas na mão de obra local. Lugarejos inteiros, especialmente no interior carecem de população jovem ativa. Ninguém morre mais de fome nas calçadas, mas é fato que o nível de vida do siciliano é inferior a do homem meridional, que por sua vez já é metade, comparado ao seu conterrâneo do Norte. Acrescente-se, ainda, que, por causa dessas condições, o racismo do Norte em relação ao Sul é preocupante. O país, que em 1945 estava destruído pela guerra, progrediu nos últimos anos mais do que qualquer outra nação européia, disputando palmo a palmo com a Inglaterra o título de potência industrial do planeta, segundo o respeitado instituto de pesquisas *Censis*. Contudo, a Itália ainda continua sendo um país de duas caras: a do Norte, rica e européia e a do Sul, morena, atrasada, presa a antigas tradições.

Mas é o próprio Sul, com todos os seus problemas, que oferece uma matéria singular e diversa ao escritor e intelectual Leonardo Sciascia. Verificou-se uma troca no interior da questão meridional: a Sicília, mesmo sendo fortemente marginalizada após a unificação italiana (1860), concentra o interesse de muitos escritores meridionalistas que ali refletem e repensam suas indagações. A preocupação com a questão social é mais forte e fulminante do que tudo, ocasionando uma penetração vertical por parte dos escritores que se servem dos meios e dos instrumentos já conhecidos.

A Sicília aparece, assim, na narrativa italiana, com toda sua tradicional evidência: uma vida de dores e tragédias seculares. Sciascia evidencia as minúcias e misérias de um lugar, onde todos os homens e coisas continuam a ser envolvidos por aquela situação social, ainda hoje dramática.

Sciascia é sem dúvida, hoje, o escritor mais emblemático e significativo de um discurso sobre o romance do Sul, posto sobre bases não limitadas e condicionadas pela eventualidade de circunstâncias marginais e transitórias. O material narrativo do escritor, em suma, mesmo coincidindo frequentemente com outros escritores do *Mezzogiorno*, possui uma singularidade própria, ao colher o personagem e o ambiente no seu processo evolutivo, na sua concreta definibilidade humana. Isto contribui para colocar tanto um, quanto outro num momento histórico, já por si criticamente situável. Os protagonistas de Sciascia vivem plenamente a consciência da responsabilidade do tempo da ação, da sua vitalidade do seu tempo civil. O fundo paesístico, ou seja, uma Sicília não mais cheia de fábulas e longe das suas lendas, porém muito mais vital, representando para o escritor o empenho de toda estratificação histórica que os personagens concretizam e definem, ao longo de uma participação que não consiste mais na irredutibilidade de um destino, mas no desenrolar de toda uma terra, de toda uma região que quer empreender uma operação autocrítica através de uma componente o menos possível regional e italiana, porém mais intensamente e difusamente europeia, dando-lhe, então, uma nova dimensão.

A intenção de Sciascia é a de localizar tão grandes contradições, certos contra-sensos, onde toda sociedade siciliana tirou as primeiras razões, não tanto do seu isolamento voluntário, mas também da pouca consideração e das relativas culpas internas e externas, que frearam toda possibilidade de desenvolvimento social. Ele indaga o nó das contradições, não buscando soluções, mas temas concernentes ao longo contraste de uma denúncia que a literatura siciliana já tinha conhecido através de outros grandes autores como Verga e Pirandello.

A obra poética de Leonardo Sciascia é vastíssima, tendo sempre como pano de fundo a Sicília. Contudo no livro *Il mare colore del vino*, uma coletânea de 13 contos, o autor aborda uma temática variada, contribuindo, assim, para estabelecer um panorama cultural siciliano. Esses contos foram escritos entre 1959 e 1972, cabendo esclarecer que, quando Sciascia publica um livro, abordando determinado tema, simultaneamente, escreve um conto correspondendo ao assunto, tratado neste mesmo livro, a fim de publicá-lo em alguma revista literária ou algum jornal de grande circulação:

[...] a organização de uma espécie de sumário da minha atividade até agora, daquilo que nasce daí (e não posso esconder que estou de um certo modo satisfeito com isso, dentro da minha mais geral e contínua insatisfação) já que nesses anos continuei pela minha estrada, sem olhar nem para a esquerda, nem para a direita (isto é, olhando para a direita e para a esquerda), sem incertezas, sem dúvidas, sem crises (isto é, com muitas incertezas, com muitas dúvidas, com profundas crises); e que entre o primeiro e o último desses contos se estabelece uma espécie de circularidade: uma circularidade que não é a do cão que morde o próprio rabo.¹

1 ABRUZZI, Giovanna Ghetti. *Leonardo Sciascia e la Sicilia*. Roma: Bulzoni editore, 1974, p.143.

Alguns desses contos tiveram como motivação acontecimentos históricos. O conto "La rimozione", por exemplo, foi escrito na época em que foram removidas as cinzas de Stalin do seu mausoléu e "Filologia" na época em que foi constituída a comissão antimáfia. Já o conto "Un caso di coscienza" foi roteirizado e transformou-se em filme, o mesmo acontecendo com "Gioco di società" que tornou-se telefilme.

Contudo será o conto "Giufà" que faz parte dessa coletânea, o objeto do nosso estudo. Numa das várias entrevistas que concedeu, Sciascia afirmou que sentiu um grande prazer ao trabalhar com o personagem *Giufà* que dá título ao conto:

Giufà é uma admoestação a falar com propriedade e a dizer a verdade.²

O título do conto "Giufà", vem escrito em árabe, mantendo sua fidelidade à origem do personagem, que vem daquele mundo. Determinados lugarejos sicilianos conservam, ainda, uma marcante influência do povo muçulmano, dando a impressão de que se mantiveram *in vitro*, mesmo depois do final da Segunda Grande Guerra Mundial. Esse personagem pertence à favolística árabe e é muito constante escutar histórias a seu respeito entre os habitantes da ilha. Muitas são as características que irão compor a personalidade de Giufà, porém podemos destacar a imbecilidade ou a estupidez como as que mais se destacam. É o bobo, que faz mil estrepolias e, no fim de tudo, acaba bem. Mas podemos chamar de bobo aquele que jamais é punido ao cometer delitos? Parece uma imprudência, pois o leitor não tem certeza de que Giufà não tenha, realmente, consciência das bobagens que faz ou se o personagem finge ser aquilo que não é. Giufà é uma figura histórica, atemporal, fora do espaço e do tempo, assumindo toda estupidez universal. Ele é um andarilho e não tem nenhuma ocupação específica. "Viver por viver" é o seu lema, cultivando, assim, uma certa ociosidade. Ele se torna personagem, na medida em que é inserido dentro de um determinado contexto, de uma comunidade, de um lugar. Mas não percebe a sua natureza de ser um apólogo, porque é através dele, das suas tolices que Sciascia faz uma série de críticas aos diversos segmentos da sociedade contemporânea.

As personagens, ao falarem, revelam-se de um modo bem mais completo do que as pessoas reais, mesmo quando mantêm ou procuram disfarçar a sua verdadeira opinião. O próprio disfarce procura patentear o seu cunho de disfarce. Essa *franqueza* quase total da fala e essa transparência dos disfarces são índices evidentes da onisciência ficcional. A afirmação de Forster ajuda-nos a melhor compreender este universo de personagens tão contraditórios:

Precisamente porque o número das orações é necessariamente limitado (enquanto as zonas indeterminadas passam quase despercebidas), as personagens adquirem um cunho definido e definitivo que a observação das pessoas reais, e mesmo o convívio com elas, dificilmente nos pode proporcionar a tal ponto. Precisamente porque se trata de orações e não de realidades, o autor pode realçar aspectos essenciais pela seleção dos aspectos que apresenta, dando às personagens um caráter mais

*nitido do que a observação que a realidade costuma sugerir, levando-as, então, através de situações mais decisivas e significativas do que costuma ocorrer na vida.*³

O conto narra uma aventura de Giufà em terras sicilianas. Um dia, ele sai para caçar passarinhos que tenham a cabeça vermelha, pois segundo seus amigos, estes eram os melhores para serem comidos. Pegando a arma de um ancestral, embrenha-se na mata e, na primeira coisa vermelha que vê, mexendo-se, atira inconseqüentemente. Quando se aproxima, nota que não matou um passarinho, mas um homem que trazia um chapeuzinho vermelho, ou seja, o cardeal. Pegando o corpo do religioso atira-o dentro de um poço, junto com um carneiro que também estava morto. Então, autoridades da cidade, sentindo falta do cardeal, saem a sua procura, e, ajudados pelo próprio Giufà, começam a procurar o cardeal dentro do poço que exalava um forte cheiro de putrefação.

Sciascia inicia o conto explicando que o nome Giufà quer dizer, em árabe, "pequeno passarinho" e segue caracterizando a solidão do personagem – emblema do homem siciliano - que comete uma série de delitos, sem cúmplices. Entre os sicilianos existe a idéia de que um homem só é verdadeiro quando está só consigo mesmo. A presença de um parceiro faz com que ele assuma uma atitude que não é mais verdadeira, pois está sujeita à avaliação do outro. Basta observar as cantigas sicilianas, entre elas não existe a tradição do canto coral, reforçando a idéia da solidão. Quando Giufà comete seus delitos ele o faz sozinho, sem a ajuda de ninguém. A solidão é o lugar onde o homem encontra-se consigo mesmo, porque estando na companhia dos outros ele é "personagem" e não "criatura". O objetivo de Sciascia é, justamente, transformar seus "personagens" em "criaturas". Essa meta é atingida no final do conto, quando Giufà coloca uma série de questões pertinentes ao ser humano, através da sua fala de "imbecil".

Ainda, quanto às situações pelas quais passa o bobo Giufà, elas cativam o leitor porque de acordo com Anatol Rosenfeld:

*Os momentos descritos são de importância na valorização estética da obra literária fictícia. Na ficção em geral, também na de cunho trivial, o raio de intenção se dirige à camada imaginária, sem passar diretamente às realidades empíricas possivelmente representadas. Detém-se, por assim dizer, neste plano de personagens, situações ou estados (líricos), fazendo viver o leitor, imaginariamente, os destinos e aventuras dos heróis. Boa parte dos leitores, porém, põe o mundo imaginário quase imediatamente em referência com a realidade exterior à obra, já que as objectualidades puramente intencionais, embora tendam a empreender a intenção, são tomadas na sua função mimética, como reflexo do mundo empírico. Isto é, em muitos casos, perfeitamente legítimo: mas esta apreciação, quando muito unilateral, tende a deformar e empobrecer a apreensão da totalidade literária, assim como o pleno prazer estético no modo de aparecer do que aparece.*⁴

3 CANDIDO, A. et alii. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 34-35.

4 *Ibidem* p. 42.

A mulher siciliana, retratada através da mãe de Giufà, também passa por estas situações que estabelecem relações verdadeiras com o mundo atual, caracterizando mais um tipo no universo feminino sciasciano. Tendo vivido muito tempo na companhia das tias, Sciascia sempre tinha a visão dos acontecimentos, que se passavam na sua cidade, filtrados pela ótica da visão feminina. Ninguém melhor do que ele para absorver quais são seus principais problemas, suas aspirações, suas preocupações, em confronto com a mulher do continente.

O mito da mulher continental é muito centrado na linguagem, porque as sicilianas sabiam falar somente o dialeto, já a mulher do continente era aquela que “falava bem”, expressando-se melhor. Dessa forma, essa mulher era sempre desejada pelos homens da Sicília porque era vista como se fosse uma outra mulher. Contudo, ela é inatingível, pois pertence a outro lugar, outro homem, não pertencendo, muitas vezes, a ninguém. No momento em que esta mulher se torna esposa, transforma-se em instituição familiar e o mito morre. A piedade de Sciascia se manifesta na sua visão particular sobre a mulher siciliana.

O personagem Giufà harmoniza no contexto narrativo do qual faz parte a expressão de uma voz socialmente polêmica no discurso sciasciano. Estupidez e malícia, dois componentes do seu caráter acabam por gerar um momento excepcional de verdade, dificilmente alcançado por outros escritores. Somando-se a estes componentes não podemos esquecer a tradição popular siciliana que está contida na figura do rapaz, encontrando respaldo nos momentos em que faz uso da palavra. Sendo sua voz socialmente polêmica, constantemente constrói no âmago do discurso uma lúcida consciência crítica do real.

Referências Bibliográficas

- ABRUZZI, Giovanna Ghetti. *Leonardo Sciascia e la Sicilia*. Roma: Bulzoni editore. 1974.
- AMBROISE, Claude. *Invito alla lettura di Sciascia*. Milano: Mursia editore, 1983.
- AMBROISE, Claude. *Leonardo Sciascia Opere*. Milano: Bompiani, 1989.
- CANDIDO, A et alii. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- BERSANI, Mauro & BRASCHI, Maria. *Viaggio nel '900*. Milano: Mondadori, 1984.